

nteligente e justo na sua distribuição, um certo numero de escolas, e multiplicar as escolas moveis. E' o que tem feito a Suecia.

Para comprovarmos o nosso asserto não invocaremos apenas o relatório do nosso ministro em Stockolmo, o sr. Antonio Feijó, redigido em 1897 e referente a estatísticas de 1894, mas os trabalhos de Gustavo Sundarg e Bergmann, que já se baseiam em estatísticas de 1898 e 1900.

A organização do ensino primario na Suecia, que já nos fins do seculo XVIII podia dizer-se regular, foi-se aperfeiçoando de maneira a tornar possível em 1842 a lei declarando o ensino obrigatorio. Mas os efeitos d'essa lei só fizeram sentir-se efficazmente depois que foram ministros da instrucção, de 1863 a 1870 e de 1875 a 1878, Rudenskiold e Carlson.

Assim, as *escolas fixas* na Suecia, em 1900, e segundo os estudos estatísticos de Bergmann, inspector das escolas de Stockolmo, eram as seguintes:

Primarias . . .	4369
Inferiores . . .	1056
Infantis . . .	3920
<hr/>	
Total . . .	9345

Segundo o regulamento cada escola primaria deve funcionar durante um periodo minimo de 8 mezes em cada anno; mas nas communas divididas em fracções ha *professores ambulantes*, que dão lições, nos dias estabelecidos, ora em uma, ora em outra das fracções da communa. O mesmo succede a respeito de muitas communas, que são pouco populosas e faltas de meios para manter uma escola regular e pagar aos professores. Nesta hypothese, duas ou tres communas associam-se e pagam ao professor que, hoje em uma, amanhã em outra, e em dias fixos, realisa a sua missão escolar.

Ora a estatística relativa ás *escolas moveis*, em 1900, é a seguinte:

Primarias . . .	620
Inferiores . . .	722
Infantis . . .	1278
<hr/>	
Total . . .	2620

A' medida que vae havendo recursos para crear escolas fixas, diminuem, naturalmente, as escolas moveis. Assim, em 1876, as escolas moveis representavam 39% do numero total das escolas, e em 1898 apenas 24%. Em 1900 o numero das escolas fixas augmentou de 230, e o das escolas moveis diminuiu de 194.

Este é o caminho a seguir, por enquanto, em Portugal.

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada
de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

Carta anonyma

(Encontrada na rua)

Sabe? Detesto o seu chapéu de plumas.

Por mais esforços que tenha feito para calar commigo esta antipathia irresistivel nada pude conseguir e a prova tem-a V. Ex.^a nesta audaciosa confissão.

Sim, minha senhora, eu odeio o seu chapéu de plumas. Elle é tão absurdamente destoante de toda a perturbante graça da sua figura, quebra tão rudemente a linha har-

DURANTE A SEMANA

Logo no principio da semana, os jornaes deram noticia de que o sr. Ministro do Interior estava dimissionario, por incompatibilidade com os collegas que, approvando em principio a regulamentação das horas do trabalho, não concordaram em que esta medida fosse posta em pratica, desde já, como o sr. dr. Antonio José d'Almeida desejava, para cumprir a promessa que tinha feito.

A attitudé do conselho de ministros descontentou a classe do caixeiato que, como protesto, declarou a gréve na capital. Felizmente, durou apenas dois dias, porque os caixeiros, levados pela grande sympathia que lhes merece o Ministro do Interior, desejando que elle reassumissem as suas funcções, declararam-lhe que não terminariam a gréve, em quanto elle o não fizesse. Deante d'esta attitudé e de sollicitações de varias pessoas, o sr. dr. Antonio José d'Almeida resolveu retirar o pedido de demissão e os caixeiros apresentaram-se novamente ao serviço.

—No domingo passado, 7 do corrente, foram assaltadas, em Lisboa, por grande numero de populares as redacções dos seguintes jornaes monarchicos: *Diario Illustrado*, *Correio da Manhã* e *Liberal*. Não respeitaram absolutamente nada: empastellaram o typo destruíram o machinismo, rasgaram e queimaram todos os papeis.

O jornal que soffreu mais foi o *Diario Illustrado*, calculando-se os seus prejuizos em trinta contos.

—Os ferro-viarios da Companhia Real e da linha do Sul e Sueste declararam-se em gréve na quarta-feira.

E' nos impossivel, por falta de espaço, dar uma noticia detalhada de todos os incidentes que tem acompanhado este importante movimento operario. Limitamo-nos por isso a respigar algumas notas dos jornaes diários.

No dia 14 uma commissão de grévistas do Sul e Sueste procurou o director e chefe do movimento da Companhia declarando que os seus collegas estavam dispostos a retomar o trabalho, confiando apenas na generosidade do sr. ministro do fomento e desde que não fossem processados os principaes cabeças da gréve.

O chefe do movimento deu conta d'uma conferencia que teve com o sr. ministro do fomento em que este lhe disse não poder responsabilisar-se pelo pedido dos grévistas, pelo que as coisas ficaram no mesmo pé.

O governo apresentou á Companhia as seguintes bases de accordo, relativo á gréve:

Augmento de 100 reis por dia a todo o pessoal vencendo menos de 60.000 reis por mez, contando que esse encargo não ultrapassasse o sacrificio que a Companhia tencionava primeiro fazer; regulamento de trabalho e das licenças

moniosa do seu vestido, que eu tive ao vê-lo a impressão, approximada de quem ouvisse resonar alguém ao fim d'um nocturno de Chopin, ou rimar com um bocejo algum doce verso de Musset. Elle seria sempre feio, teimosamente feio, sobre outra qualquer cabeça, mas sobre a de V. Ex.^a, Deus meu, é quasi uma coisa offensiva, uma pesada affronta ao Deus que a fez tão linda.

Para que o usa?
Bem se vê que os seus espelhos lhe não querem bem, gelados espelhos que jámais se enterneceram ante a sua belleza. Se elles fossem susceptiveis d'alguma sympathia e gratidão por quem, como V. Ex.^a, lhes

conforme as ordens 77 e 78; concessão de ordem moral, não implicando despeza e prescriptas nas mesmas ordens; e 9 horas de trabalho nas officinas, conforme a decisão tomada no conselho antes da gréve.

Se estas bases fossem accéites o ministro consideraria a gréve terminada; e se a gréve subsistisse, se encarregaria de fazer entregar á Companhia as suas estações e de assegurar a liberdade de trabalho.

O conselho de administração accéitou a proposta do governo, terminando, por isso a gréve.

—Declararam se mais as seguintes gréves: dos operarios da companhia do gaz e da electricidade, dos metalurgicos, em Lisboa, e de 800 chacineiros, em Aldegallega.

Sobre a primeira noticiam os jornaes do dia 15 o seguinte:

Os gazomistas, depois de uma reunião que tiveram esta noite, destruíram 15 fornos, para dentro dos quaes atiraram com as ferramentas.

Compareceram forças de cavallaria e infantaria da guarda republicana e como os animos se exaltassem cada vez mais, foram requisitadas novas forças, comparendo no local cavallaria 2, infantaria 1 e uma bateria d'artilheria do Bom Successo, que destacaram patrulhas para dentro da fabrica, onde se encontrava o director sr. Gollard.

A fabrica da Boavista acha-se cercada por forças de cavallaria e infantaria da guarda republicana.

As officinas e parte do edificio continuam guardados pela força armada. Nos fornos estão trabalhando além dos bombeiros muitas praças de marinha; alguns d'elles em consequencia do trabalho extenuante recolheram ao hospital. A sua attitudé tem merecido o applauso do publico. Nada ha, pois, resolvido sobre a gréve, estando o pessoal reunido em sessão permanente. O sr. dr. Antonio Centeno, director, conferenciou demoradamente com o governador civil. Por causa d'esta gréve, tem havido varios conflictos sem consequencia de maior.

Cerca das 11 horas um numero grupo de populares foi junto da fabrica do gaz, levantando vivas á Republica e morras á gréve; esteve imminente um conflicto pelo que teve de intervir a guarda republicana.

Os manifestantes seguiram depois para a rua do Mundo, erguendo vivas á Republica em frente da redacção do «Mundo».

—Os jornaes do dia 15, publicaram, sob a epigraphé o «Credito Predial» a seguinte noticia:

«O sr. dr. Campos, juiz de investigação criminal foi hontem interrogar o sr. José Luciano, que insistiu na affirmacção de que nenhuma responsabilidade tinha nos crimes praticados no Credito Predial e que depositára sempre inteira confiança no guarda-livros Quintella, a quem são attribuidas algumas das mais graves irregularidades.

Seguidamente dirigiu-se o mesmo magistrado a casa do sr. conde

tem deixado reflectir o raro encanto da sua pessoa, elles então lhe diriam que...

Mas está V. Ex.^a anciosa por saber quem sou, e eu não quero de maneira alguma torturar a sua curiosidade; não vá castigar-me o seu Deus, esse delicado Deus que modella as mulheres bonitas e que a tem decerto sob a sua santa e enternecida guarda.

Eu sou, minha senhora, aquelle triste e mal vestido homem que numa clara e doce manhã de outono a encontrou e para sempre ficou encantado.

—Para sempre. Não se lembra, minha senhora?

de Mesquita, que foi igualmente interrogado.

Quasi ao mesmo tempo foi o juiz sr. Meirelles Leite proceder ao interrogatorio do sr. Perfeito de Magalhães, que se acha doente em casa.

—Em sessão conjuncta, reuniram no dia 14, as commissões parochias e municipal republicanas de Lisboa sob a presidencia do sr. dr. Affonso de Lemos que apresentou em nome da commissão municipal uma moção que foi approvada por aclamação e cujas conclusões são:

As commissões parochias e municipal de Lisboa confiam em que o povo da capital sabera manter-se n'uma attitudé do maior acatamento e merecida sympathia para com os poderes publicos, evitando e desistindo das gréves que, podendo ser justas, são comtudo extemporaneas e apenas servem de embaraço á vida normal e progressiva do paiz, dando assim um bello exemplo de criterio e patriotismo, unico e verdadeiro complemento da revolução activa e generosa que em 5 d'outubro conseguiu collocar-nos ao lado de todas as nações civilizadas.

—A *Sociedade de geographia*, reunida em assembleia geral, approvou a proposta do sr. Lopes de Mendonça, para se abrir um plebiscito em todo o paiz sobre as côres da bandeira, independentemente de symbolos.

O plebiscito será na occasião das eleições para as constituintes.

NOTICIARIO

Explosão d'uma bomba—No dia 7 do corrente, pouco depois do nosso jornal ter entrado na machina, lemos no «Seculo» a seguinte noticia:

OLIVEIRA DO BAIRRO, 5 —C.—Na visinha freguezia de Oyá, pertencente a este concelho, occorreu hontem um estranho attentado, cujas causas se desconhecem, assim como os auctores da facanha.

Para dentro da sala da redacção do jornal os *Eccos do Vouga* mão criminosa arremessou uma bomba de dynamite, a qual, explodindo, causou grandes estragos, fazendo voar pelos ares o prelo onde aquelle jornal é impresso e destruindo todo o material e mobiliario da redacção.

As autoridades locais estão procedendo a activas investigações, a fim de descobrirem o auctor ou auctores do attentado.

N' meação—Foi nomeado sub-inspector primario e collocado em S. Pedro do Sul o nosso amigo e distiucto poeta sr. Vidal Oudinot quem exercia com grande competencia o professorado primario em Sarrazolla.

• Felicitemo-lo muito cordealmente.

Innocente?—Datada da cadeia civil de Aveiro, e assignada por Manuel Fernandes

Foi numa rua d'esta futilissima Lisboa—mas tão gentil cidade, não é?—que a vi descendo, na leve inclinação do passeio, ondulante e gracil, como se a propria harmonia do seu corpo a impellisse, e seguindo fosse o raio de luz intermino dos seus olhos...

Sobre mim, pobre de mim, cahiam nesse momento, de toda a altura d'um terceiro andar, as pesadas notas d'um piano desvaivado, emquanto do segundo andar da mesma casa, um velho tapete de ramagens era desembaracadamente sacudido pelos bracinhos brancos d'uma creadita feia e gorducha. Um pequeno vendedor de cautellas, rotinho e sujo,

Fura, o *Carapanto*, d'esta villa, recebemos uma carta que diz essencialmente o seguinte:

Encontro-me preso, ha dois mezes, accusado de ter roubado o sr. prior d'Eirol. Protesto a minha innocencia. E' certo que fui condemnado, em tempos, por factos identicos, mas, d'esta vez, repito, estou innocente, pois, apesar de preso, «nem por isso se deixa de praticar roubos em Eixo, minha terra natal, onde no dia cinco do corrente assaltaram o estabelecimento do sr. José Fernandes Mascarenhas, prova evidente que ha ladrões que roubam, cobrindo-se com a pelle dos desgraçados (ou *desgraçado?*) que têm (ou *tem?*) a infelicidade de cahirem (ou *cair?*) nas mãos da Justiça, como supposto gatuno que roubou o Reverendo Prior d'Eirol».

Os periodos, que vão entre aspas, são a reprodução fiel do manuscrito do sr. Fura, áparte a orthographia, que alterámos, para facilitar o trabalho dos leitores.

A redacção respeitámo-la absolutamente, e fizemo-lo para que resaltasse bem a razão extravagante com que o sr. Fura pretende justificar a sua innocencia: o facto de a sua prisão não evitar que continue a roubar-se...

Muito longe de nós está o desejo de concorrer para a condemnação do nosso conterraneo Fernandes Fura, o *Carapanto*.

Com alegria receberiamos até a noticia de que fôra absolvido, porque, a não ser que o tribunal errasse, seria um signal de regeneração, tanto mais que, regressando da Africa, em 1907, de cumprir uma pena de degredo, não commetteu ainda, que nos conste, crime nenhum de que se tenha já feito prova.

Como supposto auctor d'um roubo praticado na residencia parochial d'Eirol, está, agora, preso, vae para tres mezes. Não sabemos que indícios de incriminação a justiça apurou, além dos seus precedentes. Nem sabemos mesmo em que altura está o processo, mas desejamos que se apresse tanto quanto possível o julgamento, pois a prisão preventiva é uma coisa sempre muito dura, tanto mais quando o preso está innocente, como protesta o sr. Fura na carta que temos presente.

ABC illustrado
POR
ANGELO VIDAL

apregoava heroicamente um numero de palpito.

E tu (oh, perdão!) e tu vinhas andando e éras mais alta, serena e magnifica, quasi junto de mim. Callou-se o piano, callou-se o pregão, e até nas mãos da creada do segundo andar ficou pendente e esquecido o velho e esfiado tapete de ramagens. O cautelleirósito approximou-se offerecendo ousadamente o seu jogo, e sobre a sua magra carinha trigueira onde uns grandes olhos de cigano resplandeciam, a tua fina e clara mão poisou—como uma flôr sobre uma flôr.

E tu passaste.
Foi numa d'essas manhãs doce-

Trechos selectos

Da assistencia

Será um dever da nação a assistencia aos pobres? E' uma questão muito delicada. Os individuos que formam a nação, nem todos são igualmente trabalhadores e economicos: infelizmente, os defeitos contrarios são apanagio de muitos. Se a nação devesse assistencia em todos os casos, aconteceria inevitavelmente que os preguiçosos delegariam n'ella o cuidado de os sustentar, a elles e aos filhos. O exemplo seria demoralizador para os demais cidadãos, a quem a nação se veria obrigada a pedir sacrificios tributarios mais pesados, pois é evidente que os preguiçosos não poderiam ser sustentados senão á custa do trabalho dos outros. Importaria isto um verdadeiro attentado ao direito de propriedade, pois seria tirar aos cidadãos laboriosos o que estes, com sacrificio, haviam ajuntado para seu uso proprio.

De um modo geral, o direito á assistencia tem, pois, de ser repellido como um principio falso e perigoso. Tal regra, todavia, tem excepções. Antes de mais nada, é preciso contar com as crianças infelizes e abandonadas, que não tem culpa da miseria da sua situação. Assiste á nação, é certo, o direito de punir os paes que se mostrarem culpados da desgraça dos filhos; mas é do seu proprio interesse cuidar d'estes, pois mediante uma boa educação póde fazer d'elles cidadãos prestantes, enquanto que deixando-os ao desamparo, tornar-se-hão, na maioria dos casos, vadios e criminosos.

Importa, igualmente, cuidar dos doentes e dos velhos que não estiverem em condições, nem elles nem os seus parentes proximos, de prover ás suas necessidades. A nação deve tambem assistencia aos que houverem dedicado a sua vida ao serviço publico, aos parentes proximos d'esses servidores, e, designadamente, aos que no campo da batalha se impossibilitarem em defeza da patria, e ás familias dos que ali morrerem.

Quanto aos individuos que ordinariamente vivem na ociosidade e na vadiagem, e que são um fardo e até motivo de inquietação para as pessoas de bem, por se entregarem á men-

dicidade, ao furto e mesmo ao assassinato, a nação, longe de lhes dever assistencia, tem o direito de os punir e encarcerar, para os levar, se possivel fór, a corrigirem-se.

A SAHIE BREVE:

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Martins

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

N. da R.—Em virtude da gréve dos ferro-viarios não recebemos até [sabbado] correspondencia nenhuma para o nosso jornal, pelo que resolvemos adiar a sua publicação para hoje, segunda-feira, tanto mais que nada adiantariamos, lançando-o ao correio naquelle dia.

Mas hoje mesmo, só podemos publicar a correspondencia de Alquerubim, datada de 11, porque mais nenhuma recebemos.

Por motivo tambem da referida gréve, e porque o nosso jornal se imprime no Porto, não podemos inserir neste numero a informação local,

Alquerubim, 11

Foi collocado nas escolas centraes de Aveiro o muito digno professor de S. João de Loure, o sr. Alexandre Vidal, collocação que honra o Ministro que a referendou, porque o sr. Vidal é um professor muito digno e sabedor, illustrado e honesto, merecendo até collocação ainda mais elevada. Felicitamos pois o Governo por tal nomeação.

—Fez-se hontem o mercado da Fontinha que esteve pouco concorrido, devido de certo ao rigoroso frio que está pelo que não ha que dar aos gados; o thermometro está a 3 graós acima de zero.

A' ultima hora

Do 1.º numero da Republica, diario da capital, dirigido pelo illustre Ministro do Interior, e que principiou a publicar se hontem, transcrevemos a seguinte declaração, que se relaciona com a politica d'Aveiro:

O «Mundo» de antes de hontem publicou um telegramma de Aveiro em que se diz affirmar-se, naquella cidade, que eu havia escripto uma carta a Homem Christo, declarando-me solidario com elle.

O boato insidioso tem sido largamente espalhado tambem em Lisboa, ao que me consta.

Respondo em poucas palavras para declarar:

1.º Que auctorisso todas as pessoas que possuam cartas minhas por mais particulares, por mais intimas que sejam, a que, pelo que me respeita, as publicarem quando quizerem e como quizerem;

2.º Que intimo formalmente quem se diga possuidor de cartas minhas, que possam beliscar ao de leve a minha lealdade para com o partido republicano ou attestar a minha transigencia ou benevolencia sequer para com qualquer dos seus inimigos, a que as publicarem immediatamente.

A calumnia morrerá por si. Não me será dado o trabalho de a matar.

Lisboa, 14 Janeiro 1911.

Antonio José d'Almeida.

Ministro do Interior

Quasi á hora do nosso jornal entrar na machina, lemos nos jornaes d'hoye a noticia d'uma explosão alarmante que se deu na capital, hontem de tarde.

A Lucta, referindo-se aos boatos variadissimos que, mal se ouvia a denotanação, começaram a correr, diz:

Desde logo começaram a correr os mais descontraados boatos, não havendo serenidade possivel para aceitar o mais verosimil. Entre estes um havia que attrahiu muito povo á estação do Rocio, porque se affirmava que a explosão se déra no interior d'aquelle edificio.

Effectivamente, a noticia confirmava-se. No escriptorio de contabilidade, sito no primeiro pavimento, uma forte explosão de gaz fez tombar as secretarias e fugir espavoridos os escripturarios srs. Manoel Gracio e Antonio Delgado.

A porta que deita para o lado do hotel Avenida Palace ficou com os vidros completamente partidos.

Instantes depois, da parte de fóra da estação, na pequena travessa que separa esta do referido hotel, outra e outras explosões se seguiram, projectando uma pilha de tabeas que se achava encostada á parede da estação, a uma grande altura, e partindo os vidros das portas do escriptorio da companhia dos «vagens-lits» e dos da kermesse de Paris. Das sargetas, as aguas sahiam em jactos de mais de dois metros de altura.

O sr. Albano Luiz Coimbra, limpador de tracção, morador na rua das Escolas Geraes, 32-1.º, andava procedendo á lim-

peza das linhas 3 e 4 quando se produziu a explosão. Foi atingido por destroços, resultando um ferimento na cabeça, de que recebeu curativo na ambulancia da estação.

Uma lage do pavimento da gare foi violentamente despedaçada, indo os fragmentos estilhaçar o mostrador e os ponteiros do relógio.

Leituras amenas

Certo dia Luiz XIII, muito aborrecido, nada tendo que fazer, chamou Moraes, seu bobo e disse-lhe que se sentasse, pois lhe queria fazer a barba. Sentou-se o truão e o inhabil barbeiro começou rapando os queijos do paciente, que por sua condição tinha que mostrar cara de riso até com as barbas de molhó... de sangue. Acabou Luiz XIII a operação e exigiu a esportula costumada aos do officio. O bobo tirou da escarcella quinze soldos em cobres miudos e deu-os ao rei.

—E' pouco,—diz Luiz XIII.
—Quando fôrdes mestre,— respondeu o bobo,—dar-vos-hei trinta.

Riu o rei da resposta, mas Richilieu tomando-a como desacato, despediu-o do serviço real, segundo se conta.

Ocios de reis, que no fim de contas são como os ocios dos outros mortaes, sem avultada lista civil.

—Olha, Albertina, desde que tomba a noite e ouves os gemidos lamuriosos das guitarras que varios malucos por ahi espargem, não fazes nada, e isso assim não me agrada...

—Não diga isso, minha senhora; ainda agora tive o trabalho de ao fundo do quintal fallar a um d'elles. Já vé que é fazer algum cousa,

Oh! que feliz visita, doutor, agora me dispensou!

—Então?
—Desejo saber de que doença soffro.

—Só depois da autopsia l'ho posso dizer.

N'um exame de geographia o professor dirigindo-se ao alumno:

—Onde fica o Perú?
—Na capoeira.

Eram um dia de mudança; o padre Marcos, que tinha um aquarium magnifico com peixinhos, recommendou aos gallegos, encarregados de levarem os moveis para a sua nova residencia, a maior cautella e vigilancia.

Chegado á casa nova, foi logo examinar o bocal; o bocal estava

a sua boquita rosea, nos atire o seu primeiro riso lá d'um cantinho do céo e que os seus dedos travessos, e os seus dentitos brancos, comecem a rasgar e morder a seda fina das blouses, para que os ajours indiscretos nos deixem entrever os braços e os hombros e os pequeninos seios cor de rosa, e outros trigueirinhos e outros da cor dos marmores...

Demais já me escreveu um velho rouxinol, meu amigo, compromettendo-se a vir morar este anno para junto da sua casa a desfiar-lhe nas tranquillas noites um longo e soluçante poema d'amor, composto todo em sua honra e só para seu prazer.

intacto, mas os peixinhos haviam desaparecido.

Padre Marcos cobriu-se de suor. Disse-lhe um dos moços:
—Fui eu que me incumbi da redoma.

—E os peixes?
—Estão aqui! *Baia!* Por cautella! disse o gallego, tirando da algibeira das calças uma serie de embrulhinhos.

Eram os peixes!

—Papá, o que é uma senhora?
—Uma senhora, meu filho, é uma mulher, que não precisa de insistir em que é uma senhora.

—Ouvi dizer que a tua sogra foi atacada de paralisia facial. O que motivou isso?

—Foi fotografar-se, e procurou ver se conseguia uma physionomia agradável.

Como é sabido, quando foi do cêro do Porto pelas tropas de D. Miguel, os sitiados estiveram a ponto de se render á fome; mas isso não obstava a que os soldados de ambos os campos se entretivessem de noite a descompôr-se de uma para outra margem do rio. Por signal que um dos cercados que nunca perdia esse divertimento, era, segndo me contaram, o celebre conde da Taipa.

De uma vez gritavam os miguelistas para os constitucionaes: —«Vocês são uns herejes, uns pedreiros livres».

«E vocês não são mais do que uns estupidos; não sabem o que dizem», respondiam os segundos.

«O' seus malhados (voltavam os da margem esquerda), sim, vocês são uns herejes. uns pedreiros livres; não ouvem missa, não tem lá padres».

«O' seus grandes burros (retorquiavam os do lado do Porto), quem disse a vocês que não temos cá padres? Quantos querem vocês por um boi?»

Tal era o *pratinho* do irrequiteo conde. E' provavel até que de esses tiroteios de palavras elle alguma coisa aproveitasse para os seus rudes ataques e futuras faccias nas camaras dos pares.

Um lavrador chega esbaforido á gare de Campanhã, quando ia ser dado o signal de partida do comboio.

O revisor abre-lhe a portinhola d'uma das carruagens de 3.ª classe. O homem entra, deita a cabeça de fóra da janella e grita ao empregado:

—Póde andar! Só pare em Rio Tinto, que é onde eu móro.

Venda de propriedades

David Ferreira da Rocha vende todas as que possui em Eixo, Oliveirinha e Azurva.

Os pretendentes podem procura-lo em Eixo, ou em Aveiro no quartel.

Verá que lindo!

Ha pagens adolescentes morrendo por gelidas princezas, aguas chorosas de fontes, beijos mysteriosos trocados na penumbra tépida das folhagens gottejantes, trilos de flautas lamentosas, corações trespassados, agonias de amor, boccas pallidas que cantam, e lagrimas, lagrimas... lagrimas...

Veja lá agora se não deita fóra o seu chapéu.

Por copia Carlos Amaro.

mente ennevoadas, em que o sol não brilha, d'essas macias manhas d'uma suave luz cor de perola, em que o da Vinci, dizem, mais gostava de pintar e sobre a bocca immortal de Mone Lize passou aquella longiquo, enygmatico sorriso, que foi talvez deixado pela sombra leve d'um leve tombar de folhas mortas.

Que pena V. Ex.ª não se lembrar...

—Pois tambem eu me ia esquecendo do seu chapéu de plumas. São duas, as plumas, uma de cada banda, ambas pendentes como dois velhos reposteiros d'uma secretaria d'estado.

E' monstruoso. Se fosse coisa

assassinavel, juro-lhe que o assassinaría. Por elle jámais passaram de uma *grissette* os dedos ageis e alados, dando-lhe um simples toque de graça, curvando-lhe a aba leve como na linha sinuosa d'um vôo, jámais um sopro de Paris lhe perpassou refrescante e alegre pelas pesadas pennas. Elle é, minha senhora, um producto incontestavel da nossa horrenda industria nacional. Não é um chapéu, é uma synthese de tudo o que de mais triste e feio se tem creado neste pobre terra, mesquinha como uma beata velha.

Nelle vivem seculos de tyrannia e doces d'ovos, de inquisição e sapatos de ourélllo, de discursos da

corça, de bordados a missanga e bordados a escama de corvina, de hymno da carta e botas de elastico, de cuias, de folhetins de Campos Junior, de libertades postergadas, de noivado de sepulchro, de loto e de rapé.

Sobre os seus cabellos, pôr um um chapéu assim é como lançar um cobertor de papa sobre a fresca e humida graça d'uma rosa, como se embrulhar numa saia de castorina a estrella da manha!

Dentro em breve chegará a Primavera e que dirá ella se apanha V. Ex.ª nesse preparo. Reparo que já se lhe ouvem proximo os passarinhos subtis e não tarda que

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRITO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCCÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCCÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucción primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrucción Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . . 100 reis



ANGELO VIDAL

ABC ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguém disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisará d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

ABC ILLUSTRADO

POR ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceptação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Gargão. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Afonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M. com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Afonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genese e cohesão das religiões especialmente da christã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENA L

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfasiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; e estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracão: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
» —semestre 600
Africa —anno 1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . . 10 reis
Communicados, cada linha. . . 20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracão—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Com. Int.

4.^o ANNO—N.^o 4